

6. O Mistério Pascal

Podemos caracterizar a vida de Jesus Cristo como uma “**existência para os outros**”, estabelecida em sua doação constante aos pobres, marginalizados e pecadores. Essa entrega de si perdura continuamente até sua morte: **“Isto é o meu corpo entregue por vós” (1Cor 11, 24b)**. **“Este é o sangue da nova Aliança, que é derramado por muitos” (Mc 14, 24)**. Nestes textos, há uma “**crisologia implícita**”, que associa a doação irrestrita de Jesus aos pobres e pecadores à sua entrega na ceia eucarística e na paixão até a morte de cruz.

Contudo, é preciso deixar bem claro que a solidariedade de Cristo com a humanidade tem algo “específico e singular”, que a diferencia de qualquer outro gesto de solidariedade realizado na história, por outros homens e mulheres: Jesus morre **“em nosso lugar”**. Ou seja, Jesus salva a humanidade ao experimentar e superar na condição humana o distanciamento que o pecado produziu entre a humanidade e Deus. Ele faz com que o amor de Deus exista e se torne ativo justamente no **“lugar dos pecadores”**, no lugar do **“ser que está distante de Deus”**.

Ao ser solidário com a humanidade, Cristo, através do Espírito Santo derramado em nossos corações (cf. Rm 5, 5), associa-nos ao seu destino; isto é, **“tudo o que ele vive e tudo o que sucede nele não vale somente para si, mas também para nós, seres humanos”**. Desse modo, assim como Jesus Cristo foi capaz de vencer a tentação (cf. Mt 4, 1-11; Hb 4, 15), em comunhão com ele, também não existe mais nenhuma situação na qual somos forçosamente vencidos pelo mal. Ao assumir nossa condição humana, Jesus Cristo foi capaz de levar uma vida de plena abertura a Deus e ao próximo, uma vida fraternal para além do ódio e do egoísmo. Em comunhão com ele, somos também capazes de viver uma vida não mais submetida ao poder do pecado. Com sua ressurreição, Jesus Cristo vive para sempre em Deus; também nós, seres humanos, em comunhão com Cristo, participamos, já aqui, na história, da vida divina, cuja plenitude dar-se-á após a morte.

6.1. Sofrimento: acolhido, mas não procurado

Jesus não buscou o sofrimento, ele foi-lhe imposto. Sua vontade não foi sofrer, mas amar. A salvação foi realizada pelo amor, apesar de ter sido concretizada ‘através do sofrimento’, e, nesse sentido, podemos dizer que **“com os seus ferimentos veio a cura para nós” (Is 53, 5b)**. O que faltava ao mundo não era dor, mas amor. É isso que Cristo nos trouxe. Por

isso, não é necessário para o seguimento de Cristo causar dor e sofrimento a si mesmo; não é necessário buscar um sofrimento fora do comum para tornar-se discípulo de Cristo, pois basta aceitar a cruz de cada dia (cf. Lc 9, 23); ou seja, ser fiel a Cristo a qualquer custo, aceitando todo risco, colocando o evangelho no centro dos próprios interesses efetivos e dos próprios projetos pessoais.

Num mundo marcado pelo pecado, presente não só na cultura, mas também nas instituições da sociedade, que pressionam constantemente o indivíduo a aderir a elas, não pode o compromisso cristão pelo próximo deixar de ser marcado pelo conflito. De fato, a atitude cristã é **“contracultural”**, pois questiona seriamente a desordem estabelecida, subverte padrões aceitos, estimula novas iniciativas, sendo interpretada, então, como uma ameaça. Daí a reação dos detentores do poder, que recorrem a calúnias (cf. Lc 23, 2), falsas informações, interpretações deformadas, procurando, desse modo, confundir e dividir os cristãos. Finalmente, apelam para a perseguição física (prisão, interrogatórios, torturas, morte), sempre defendida e legitimada à luz de alguma ideologia.

6.2. Sofrimento salvífico

O sofrimento é inevitável à vida humana. A única alternativa que nos resta é optar entre a cruz absurda da ausência de sentido e a cruz de Cristo; isto é, entre a dor a que nos rendemos, por ser uma contingência natural da vida ou por nos ser infligida, e a dor que abraçamos como participação na Paixão de Cristo, a partir de uma perspectiva de fé. **“Por si só, o sofrimento não tem sentido; é a fé que lhe atribui um valor positivo”**.

É interessante, neste ponto de nossa reflexão, enriquecê-la com a contribuição de um pequeno texto do psiquiatra austríaco Viktor Frankl, a respeito da interpretação clínica do sofrimento. É um texto bastante elucidativo, que oferece elementos para aplicarmos à experiência cristã de fé. Vejamos o texto:

“Para pode afrontar o sofrimento, devo transcendê-lo. Com outras palavras: eu só posso afrontar o sofrimento, só posso sofrer com sentido, se sofro por algo ou alguém. De modo que o sofrimento, para ter sentido, não pode ser um fim em si mesmo. A disposição ao sofrimento, a disposição ao sacrifício, pode degenerar em masoquismo. O sofrimento só tem sentido quando se padece por ‘causa de’. Ao aceitá-lo, não só o afrontamos, mas que através do sofrimento buscamos algo que não se identifica com ele: transcendemos o sofrimento. O sofrimento dotado de sentido aponta sempre mais além de si mesmo. O sofrimento dotado de sentido remete a uma ‘causa’ pela qual padecemos. Em suma: o sofrimento com plenitude de sentido é o sacrifício”.

Aproveitando as palavras de Frankl, a “causa”, digamos assim, por excelência, que dá sentido ao sofrimento cristão é a fé, que nos assegura a possibilidade de participação na força salvífica dos sofrimentos de Cristo. Sobre esse tema, o Papa João Paulo II abordou na carta apostólica, **“Salvifici Doloris”**, a fundamentação teológica da participação humana nos sofri-

mentos de Cristo. Nela, basicamente, afirma que todo ser humano tem uma participação no mistério da Redenção e é também chamado a participar no sofrimento de Cristo, por meio do qual foi redimido todo sofrimento humano. Realizando a Redenção através do sofrimento, Cristo elevou o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todas as pessoas, com o seu sofrimento, podem tornar-se também participantes do sofrimento de Cristo. Isso é possível porque Cristo abriu o seu sofrimento redentor ao ser humano, uma vez que ele próprio se tornou, num certo sentido, participante de todos os sofrimentos humanos:

“Cristo operou a Redenção completa e cabalmente; ao mesmo tempo, porém, não a fechou: no sofrimento redentor, mediante o qual operou a Redenção do mundo, Cristo abriu-se desde o princípio, e continua a abrir-se constantemente, a todo sofrimento humano”.

Ao descobrir, pela fé, o sofrimento redentor de Cristo, o ser humano descobre nele, ao mesmo tempo, os próprios sofrimentos, enriquecidos de um novo conteúdo e com um novo significado. Ainda segundo João Paulo II, as testemunhas da cruz e da ressurreição de Cristo transmitiram à Igreja e à humanidade um “evangelho específico do sofrimento”. Este não significa apenas a presença do sofrimento nos relatos evangélicos, mas notadamente a revelação da “força salvífica” e do “significado salvífico do sofrimento” na missão messiânica de Cristo e, em seguida, na missão da Igreja:

“O sofrimento foi inserido de um modo singular naquela vitória sobre o mundo que se manifestou na ressurreição. Cristo conserva no seu corpo ressuscitado os sinais das feridas causadas pelo suplício da cruz: nas suas mãos, nos seus pés e no seu lado. Pela ressurreição, ele manifesta a força vitoriosa do sofrimento; e quer incutir a convicção desta força no coração daqueles que escolheu como seus apóstolos e daqueles que ele continua a escolher e enviar”.

Em todos aqueles que sofrem com Cristo, se realiza o “evangelho do sofrimento”; e, ao mesmo tempo, cada um deles continua, de certo modo, a escrevê-lo em sua história pessoal.